



APRESENTAÇÃO

As disciplinas escolares têm por função alargar os horizontes do sujeito, uma vez que exercem relevante papel na formação geral dos alunos. Em sendo a cultura escolar constituída de elementos relacionados aos contextos político, religioso e cultural de cada época, a instrução e a educação moral e ética dos aprendizes se realiza por intermédio da transmissão dos conteúdos curriculares. “Segundo Bourdieu¹ (1967), a cultura escolar dota os indivíduos de um corpo comum de categorias de pensamento e cumpre por isso uma função de integração lógica, moral e social”.

Em “O francês instrumento de desenvolvimento” (CANDIDO², 1977), o autor destaca a grande influência da cultura francesa nos países da América Latina a partir de suas independências. Esse modelo cultural mediou a relação entre as jovens nações e as demais culturas da época. O acesso aos clássicos da literatura universal — por exemplo, Goethe, Byron, Schiller — se deu no Século XIX a partir de textos em francês. A consequência desse movimento foi a substituição paulatina do estudo das culturas e línguas clássicas pelo estudo do francês, então considerada língua “universal” no início do Século XIX, época do apogeu e conseqüente prestígio da França e de

sua função civilizadora. De acordo com Chervel³ (1999, p.166-7), a partir do início do Século XX, ocorreu uma modernização das humanidades, e seu caráter clássico foi substituído pelo ensino das línguas vivas, encabeçado pela língua francesa.

Por meio do francês — cujo ensino era obrigatório — aprendia-se a ver o mundo, adquiria-se o senso da História, era possível ler os clássicos de todos os países, inclusive gregos e romanos (Cândido, 1977:12). No entanto, reformas de ensino no Brasil acabaram por tirar da grade curricular o ensino do francês e quem mais perdeu com isso foi a área das Humanidades, muito especialmente a das Letras, uma vez que parte significativa da produção teórica — textos técnicos, ensaios, críticas etc. — exigem do estudioso o conhecimento da língua francesa.

Portanto, reconhecendo a relevância da língua francesa para os estudos de Língua e Literatura, decidiu-se incluir na série histórica do periódico bilíngüe *Ecos de Linguagem*, volumes em francês-português, como eco indispensável de uma cultura que integra a fundação da cultura brasileira.

Marcelo Moraes Caetano, em artigo intitulado “A semântica: da liberdade das palavras no léxico e no discurso às regras na gramática”, parte da noção que a Semântica é a ciência do sentido, deslocando, assim, a ideia de que a Semântica é a ciência do significado. O

³ CHERVEL, A.; COMPÈRE, M-M. “As humanidades no ensino”. In *Educação e Pesquisa*, São Paulo, n.2, 1999, p.147-170.

autor traz para o seu estudo a Pragmática, a Morfologia e a Sintaxe, além do Contexto de situação, como partes essenciais para a compreensão da palavra-signo e seus sentidos no texto-discurso.

Já em “A autoficção fantástica *Autoportrait en vert* de Marie NDiaye ou o ‘eu’ que vacila como um rio turvo”, Irene de Paula faz uma reflexão sobre o papel da literatura na constituição de subjetividades na contemporaneidade pós-moderna, tendo como *corpus* as estratégias narrativas empregadas por Marie NDiaye, no “autorretrato fantástico” *Autoportrait en vert*.

Jorge de Azevedo Moreira apresenta em “Efeitos documentários e literários em *Incidente em Antares*: uma abordagem discursiva” uma análise semiolinguística do discurso, tendo como suporte teórico os princípios de Patrick Charaudeau, o qual vê o texto como um dispositivo de inter-relação entre sujeitos, criado a partir de um projeto específico e regido por contratos sociais.

Os professores Eurídice Figueiredo e Luciano Passos Moraes exploram a noção de autorretrato que, segundo eles, originou-se no universo das artes visuais. A multiplicidade de sentidos evocada pelo termo revela a tensão entre autobiografia e ficção, sublinhando sua importância nos estudos acerca da autofabulação. A partir da leitura de “L’amour du lointain”, de Sergio Kokis, serão abordadas algumas questões-chave a respeito do conceito de autorretrato literário, com o objetivo de analisar mais de perto os mecanismos postos em jogo na construção

¹ BOURDIEU, Pierre. *Systèmes d’enseignement et systèmes de pensée*, Revue Internationale des Sciences Sociales, Paris: Unesco, vol. 3, pp. 367-409, 1967.

² CANDIDO, Antonio et alli. “O francês instrumento de desenvolvimento”. In *O Francês instrumental: a experiência da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Hemus, 1977.



do espaço autobiográfico de que faz parte o escritor migrante em questão.

A contribuição de Márcia da Anunciação Barbosa Gamaury intitulada “O sentido na tradução e a imagem do tradutor” analisa os discursos correntes sobre o tradutor literário presentes no jornal francês *Le Monde*, em sua versão on line, no período de 2000 a 2005, com base na Análise do Discurso de Michel Pêcheux. O artigo destaca uma série de clichês associados à figura do tradutor, que vão de “assassino” e “cleptomaniaco” a “solitário” e “invisível”, além de “passeur” entre culturas. Ressalte-se que a palavra “passeur” pode tanto ser traduzida por “barqueiro” como também por “contrabandista” e “coiote” (com o sentido de “traficante de pessoas”), dependendo do contexto.

Laura Barbosa Campos nos traz o artigo que tem como título “Patrick Modiano: em busca do sentido”, no qual discorre sobre o universo literário do escritor francês de origem judaica, que recebeu o prêmio Nobel de literatura em 2014. A autora investiga o trabalho de construção do sentido operado pela reconfiguração da figura paterna e pela memória em textos marcados pela judeidade e pelo imaginário da Shoá, iluminando com sua análise a obra modianesca, que se inscreve no contexto da literatura francesa da Segunda Geração de escritores judeus. Cabe ainda ressaltar a importância da divulgação de uma obra pioneira no tratamento dos temas da Ocupação nazista e da Colaboração francesa com o III Reich.

Em seu artigo “Marcel Proust por Álvaro Lins”, Pedro Armando de Almeida Magalhães faz uma análise do ensaio intitulado *A técnica do romance de Marcel Proust*, publicado em 1956, que tem como inspiração o estudo sobre Balzac do célebre crítico francês do século XIX Sainte-Beuve, cujo “método” foi alvo de duras críticas por parte do autor da *Recherche*. Depois de analisar os procedimentos de que o crítico brasileiro lança mão, na tentativa de explicar se a obra de Proust seria ou não um romance, o artigo conclui que a questão central do ensaio de Lins parece ser muito mais certa originalidade ou especificidade ao tentar desvendar os procedimentos adotados por um autor que se confunde com um narrador. Neste sentido, o crítico brasileiro demonstra possuir grande acuidade ao assinalar toda a complexidade de sentidos do romance proustiano.

Na contribuição denominada “Os sentidos da viagem em dois textos de Alexandra David-Néel”, Renato Venâncio Henriques de Sousa traz ao público brasileiro um pouco da história da vida movimentada da orientalista e exploradora francesa, que nasceu em 1868 e morreu pouco antes de completar cento e um anos, em 1969. O artigo apresenta uma leitura do relato de viagem como gênero literário, com base em diversos autores que se debruçaram sobre o assunto para, em seguida, analisar alguns trechos de duas obras da autora, *Mystiques et magiciens du Tibet* e *Voyage d’une Parisienne à Lhassa*, além de suas

relações com as biografias escritas por Jean Chalon e Joëlle Désiré-Marchand.

Em “O campo literário francês no início da década de 1830: a importância de imprensa e da política no âmbito literário”, Sabrina Baltor de Oliveira, trata das noções de arte pela arte e de arte útil à época da ascensão da burguesia na França. Entre o controle da sociedade burguesa e teorias sociais que vêem o artista como um guia para a sociedade e o povo, Théophile de Gautier, defendendo que a arte só deve visar a ela mesma, lança a base para a teoria da Arte pela Arte.

Vanessa Massoni da Rocha em “Em busca do ‘ao-longe’: a pulsão da partida e os significados da viagem em narrativas de Nancy Huston, Emile Ollivier e Guimarães Rosa” nos traz as suas reflexões sobre as temáticas do deslocamento, da migração e da reinvenção identitária e a negação do “encarceramento identitário” como forma de estar no mundo.

Renato de Mello, em “O contrato de comunicação da Semiologia a serviço da análise do texto literário”, recorrendo às noções de “contrato de comunicação” e “situação de comunicação”, defende a importância e a utilidade dessa teoria na análise de textos literários. No artigo, autor argumenta sobre a importante contribuição à compreensão dos literários decorrente de uma análise sob o ponto de vista da Linguística e da Literatura. O texto foi traduzido para o português pela professora-mestre, tradutora e revisora Ana Maria Gini Madeira.



Já Stela Maria Sardinha Chagas de Moraes nos brinda com um estudo de caráter comparatista entre as obras de dois grandes nomes da literatura lusófona, o brasileiro Guimarães Rosa e o moçambicano Mia Couto. Sua pesquisa mostra aos leitores uma discussão quanto às noções de singularidade linguística, estranhamento e traduzibilidade.

O conto canadense “Oui or no”, de autoria de Monique Proulx, é apresentado e traduzido por Gabriela Expedita Amaral Ribeiro. Publicado em 1996, um ano após o segundo referendo pela independência do Québec, essa narrativa alia a história amorosa de uma mulher à história do Quebec, uma província que insiste em ser um país. Gostaríamos de fazer um agradecimento especial à editora e agente literária Luciana Villas-Boas, que obteve junto a Les Éditions du Boréal a autorização para a publicação do conto da escritora quebequense no original, seguido da tradução em português.

É importante ressaltar que, com exceção do artigo de Renato de Mello, vertido para o francês por Ana Maria Gini Madeira, como informado acima, todos os demais foram traduzidos por seus próprios autores.

Por fim, registramos o nosso agradecimento aos autores e aos tradutores supracitados que, gentilmente, nos brindaram com suas pesquisas e reflexões sobre diferentes temas dos estudos linguísticos e literários.

Renato Venâncio Henriques de Sousa
Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins
Ana Maria Gini Madeira
Organizadores